



Um real menos forte em ano eleitoral

Brasil Econômico - São Paulo/SP - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - 06/01/2010 - 07:02:00

Foi-se o tempo em que prometer o cumprimento das regras - sejam elas no ambiente político ou econômico - era indispensável para acalmar os mercados em períodos eleitorais.

Em 2002, a hipótese da eleição de um candidato do PT afugentou investidores estrangeiros, causando um ajuste pesado no câmbio. Oito anos depois, em um cenário tranquilo conquistado com políticas estáveis, ninguém cogita a hipótese de uma outra onda de aversão a risco.

No entanto, uma dose de expectativa sempre se faz presente em ano eleitoral, o que pode pressionar o dólar.

Além das eleições, as incertezas quanto ao rumo da política monetária americana também tendem a ajudar a moeda.

O mercado trabalha com alta dos juros nos Estados Unidos, como parte da estratégia de retirada de estímulos econômicos, o que pode valorizar a cotação do dólar.

A tendência, segundo analistas ouvidos em reportagem especial publicada hoje, é que o ritmo de apreciação do real diminua no primeiro trimestre até sua reversão e, depois, inicie um movimento de alta.

É claro que nada comparado ao que ocorreu em 2002, quando o dólar disparou. De qualquer forma, para grandes empresas, as variações no câmbio, mesmo que percentualmente pequenas, podem afetar as margens dos negócios.

Como mostra a reportagem, nas páginas de 4 a 8 da edição impressa do Brasil Econômico, as empresas estão buscando proteção e fazendo hedge no mercado futuro, em operações que

travam o dólar em um determinado patamar.

Empresas como Gol, Minerva e BR Foods procuram se prevenir de eventuais surpresas com o câmbio. Fabricantes de aparelhos celulares já trabalham com um dólar a R\$ 1,90, alta de 9% em relação à cotação de ontem.

Tendências para o dólar diante do real e a estratégia preventiva das empresas são destaques nesta edição.